

RSP Revisitada

Usucapião

Texto publicado na RSP de Jan/Mar de 1982 (ano 39, n.1)

Carlos Drummond de Andrade

Era inevitável. Toda vez que se começa a ouvir repetidamente uma palavra incomum, surge a interrogação no ar, desafiando o conhecimento dos mais velhos. E os mais velhos, coitados, nem sempre se acham apetrechados para responder a quem interroga.

No momento, usucapião está ocupando o lugar que um dia pertenceu a plebiscito e depois foi ocupado por hermenêutica, informática, ergometria e outras nebulosas vocabulares, hoje mais ou menos decifradas.

– Papai, que troço é esse de usucapião? – pergunta o garoto de curiosidade insaciável, que, de resto, pouco se importa em saber o sentido das palavras; prefere saber as coisas diretamente. E o pai, que há muitos anos ouvira falar nisso e não guardara na cabeça, responde:

– Hem, usucapião? Usucapião é um negócio que... quer dizer... ora, “pra” que você quer saber, menino?

E vai remanchando, vai ganhando tempo, na esperança de que o garoto pense noutra coisa, mas a definição não aflora à cabeça. O máximo que lhe acode é usufruto. Mas usufruto não resolve. Esse tal de usucapião veio sem avisar, instalou-se na televisão, de mistura com o tal Raul Capitão do jogo do bicho, e o diabo do dicionário não pode ser consultado diante do diabo desse menino, que diabo!

Isso é linguagem de advogado – matuta o pobre homem. Advogado e médico têm cada uma que só serve para complicar a vida. Não viram há pouco essa tal de cine... como é mesmo? cineangiocoronariografia, uf! Aliás, ninguém a pronuncia direito e numa só emissão de voz. A gente tem de decorar, e mesmo assim na hora não sai de jeito nenhum.

Consultado finalmente o dicionário, torna-se possível usar sem receio o vocábulo novo. Novo é maneira de dizer: tão velho na língua que o dicionário o chama de “forense” e “antiquado”. Recupera-se o ignorante: se é forense, como é que ia saber? Se é antiquado, para que foi trazido à televisão sem ser pela boca do Prefeito Odorico? Não está certo!

Não há nada como ler dicionário. Sai-se enriquecido e apto a brilhar em conversa de botequim ou de ônibus. Assim como Fernando Sabino lançou o mentecapto, palavra que andava em recesso há longos anos e voltou com toda a força, pode-se soltar calmamente na praça o usucapto, e mesmo o fabuloso verbo usucapir:

– Minha lavadeira, lá do morro do Nheco, está usucapindo um bom naco de terra. E merece.

Usucapiente, por que não? Pelo Brasil afora há no momento uma quantidade de usucapientes, ou que pelo menos se preparam para a usucapionagem. Milhões

de brasileiros usucapem ou almejam usucapir, como legítimos usucaptores.

Mas o usucapião, mesmo sabendo-se agora o que seja, continua um tanto mágico ou misterioso, mais misterioso do que mágico. Então era isso? E funciona? Quem garante, mesmo, que funciona? Quem sabe se, depois de usucapir, o indivíduo não será forçado a desusucapir às pressas?

A usucapição está sendo proclamada com tanta ênfase e banda de música que dá para desconfiar. Até bem pouco, ninguém falava em usucapião, a ponto de se perder na memória coletiva o significado da palavra. E eis que reverdece o vocábulo, com todo o viço político que o governo, por seus porta-vozes, lhe empresta.

Usucapião virou presente de Natal às massas despossuídas. Um Papai Noel surpreendente tira da sacola áreas e mais áreas de terras e atira-as à multidão:

– Usucapião para vocês, queridos! De dez anos! De cinco, até de menos! Usucapião à vontade do freguês, tem de todas as qualidades!

Na oferta gentil, todo um passado-presente esquecido, de lutas ferozes pela posse e domínio da terra, invasões, grilagens, demandas, despejos, trechos jogados fora ou destruídos, oficiais de justiça respaldados por metralhadoras, pânico e mortes. Tudo acabou, ninguém mais vai sofrer as amarguras da expulsão e do desabrigo. Todos usucapem. Favelas usucapinas, cantai e dançai no sétimo-céu da vida!

Tudo bem. Era o que os humildes sonhavam e não tinham esperança de alcançar. Posse pacífica e ininterrupta de uns metros de terra, papel passado, futuro garantido, todas as pelúcias da propriedade.

Ah, por que os maiores não tiveram há mais tempo a santa idéia? A idéia

contrária é que vigorava, e como. Felizmente, passou. Os senhores e senhoras usucapidos e usucapientes são convidados a passar no escritório mais próximo do PDS (eu disse PDS, não confundir com outras siglas, que não são de nada) e preencher a fichinha de inscrição como eleitor. Do governo, claro. Sem usucapião distribuível, o PMDB e os outros chuchem o dedo.

Carlos Drummond de Andrade

Nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Durante o Estado Novo, foi chefe de gabinete do Ministro da Educação. Em 1947, passou a trabalhar para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Aposentou-se em 1962. Escritor e poeta, também colaborou como cronista do “Correio da Manhã” e do “Jornal do Brasil”. Faleceu em 1937, no Rio de Janeiro.